

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
28 de Julho de 2021  
ALEXANDER KLUGE – POR UM CINEMA IMPURO

## K COMME KAIROSFILM / 2018

*Um filme de Eric Sarner (?)*

*Imagem (digital, cor, montagem, som: não identificados / Com as presenças de: Alexandrer Kluge, Eric Sarner e uma tradutora não identificada.*

*Produção:/ Cópia: dcp, versão original em alemão com tradução consecutiva e francês, com legendagem eletrónica em português / Duração: 32 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Ao que se crê, primeira apresentação em Portugal,*

## ALLE GEFÜHLE GLAUBEL EINEN GLÜCKLICHEN AUSGANGS – ÜBER ALEXANDER KLUGE / 2001 “Todos os Sentimentos Acreditam em Finais Felizes – Sobre Alexander Kluge”

*Um filme de Angelika Wittlich*

*Imagem (digital, cor): Katharina Hammerschmidt, Birgir Kruschwitz, Klaus Lautenbacher / Montagem: Nathalie Kurz / Som: Mariana Assmann, Michael Ujlaky, Adi Zepmeisel / Com as presenças de: Alexander Kluge, Jürgens Habermas, Jutta Hoffmann, Hannelore Hoger, Oskar Negt, Edgar Reitz, Christoph Schlingensief.*

*Produção: Wilfried Reichart (para a WDR, Radiodifusão do Sudoeste Alemão) e Thomas Sessner (para a BR, Radiodifusão da Baviera) / Cópia: dcp, versão original com legendas eletrónicas em português / Duração: 78 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Ao que se crê, primeira apresentação em Portugal.*

*Duração total da sessão: 110 minutos.*

\*\*\*\*\*

Neste vasto ciclo sobre a obra de Alexander Kluge esta é a única sessão consagrada ao seu trabalho. A aproximação pelo lado de fora desta obra tão vasta e ambiciosa, destinada a completar o enfoque do espectador, faz-se através de dois objetos cinematográficos absolutamente diferentes. O primeiro é um fragmento, mais exatamente um filme inacabado, sem genérico, no qual vemos apenas a figura de Kluge e a simulação de um cenário. Uma característica importante deste **K Comme Kairosfilm** é que Kluge diz, em alemão, é traduzido consecutivamente em francês, o que modera e controla o fluxo verbal do entrevistado, obrigando-o a fazer declarações relativamente curtas. O segundo, cujo título revela o seu tema (sobre Alexander Kluge), porém só depois de desenrolar uma sentença klugeana ( “todos os sentimentos acreditam em finais felizes” ), é um filme-balanço, que supõe um certo conhecimento da obra e das ideias de Kluge (caso dos espectadores que tiverem acompanhado este ciclo, ainda que até então tudo ignorassem do seu trabalho), um objeto de forma mais tradicional (há entrevistas de diversos colaboradores de Kluge, dois dos quais, Jürgens Habermas e Edgar Reitz, são muito conhecidos), mas que escapa às limitações do formato televisivo, como indica a sua duração (setenta e oito minutos e não os vinte e cinco ou cinquenta e dois que são obrigatórios na televisão).

Por ter a forma de uma entrevista, **K Comme Kairosfilm** leva Kluge a definir com alguma precisão o seu corpo de ideias, que são mais do que claras para ele. Kluge é o

único dos três interlocutores a estar presente na imagem, os outros dois estão fora de campo. Ele é enquadrado num plano americano fixo em diagonal (não olha para a câmara mas para os seus interlocutores, que não vemos) e o filme visivelmente foi concebido para ser formado por um único plano-sequência, o que entanto não parece ser o caso, a julgar por uma discreta mudança de ângulo. Um falso cenário, constituído por uma fotografia ampliada, mostra-nos o que parece ser um local de trabalho, misto de oficina e atelier em desordem, talvez em abandono, o que contrasta, de modo sem dúvida voluntário, com o pensamento extremamente ordenado do realizador. O entrevistador (o escritor e documentarista Eric Sarnier) visivelmente conhece o terreno em que pisa e lança pistas para os monólogos de Kluge, que, por estar diante de um interlocutor qualificado, não aborda questões superficiais. Sarnier sublinha a importância da noção de fragmento na obra de Kluge e este corrobora a sua observação, fazendo valer que para os seus filmes-ensaio (e todos os seus filmes o são) a sua forma preferida é a estrutura em fragmentos porque isto dá-lhe *“a liberdade de parar a tempo”*. A propósito da celeberrima frase de Godard segundo a qual *“o cinema é a verdade vinte e quatro vezes por segundo”*, Kluge explicita uma noção que lhe é cara e é típica de um pensador e não de um fazedor, embora ele seja as duas coisas: a “verdade” (seja lá o que for e ele não se aventura em defini-la) não se encontra na imagem, mas naqueles fragmentos de segundo que existem entre duas imagens (cada qual com a duração de 1/24 avos de segundo), aquele *negro* imperceptível ao olho humano. A consequência disto é que *“o filme faz-se na cabeça do espectador”*, que, entre o que vê literalmente e o que (não) vê inconscientemente, não é um interlocutor passivo e, de todos modos, *“a ideologia é necessária mas é falsa”*.

**K Comme Kairosfilm** chega ao fim abruptamente, a meio de uma frase de Kluge. Nos tempos da película poder-se-ia pensar que a película disponível tinha chegado ao fim, na era digital este problema não existe, o que nos leva a lamentar que o filme seja inacabado, sem sabe por quê. Kluge diz no entanto uma frase que faz uma ponte involuntária para o filme que se segue e que tem o belo título de **“Todos os Sentimentos Acreditam em Finais Felizes”** e o prosaico e necessário subtítulo **“Sobre Alexander Kluge”**. Esta frase é *“os filmes precisam de histórias de base e estas são histórias de amor”*. Sem ironizar esta noção da maneira como o faz Godard no início de **Tout Va Bien** (*“mas então, amas-me integralmente!”*), Kluge elaborou um cinema que nada tem a ver com esta representação e que, via de regra, parte do que já existe. Não por acaso ele se define como um *flâneur*, *“alguém que anda a esmo, movido pelo prazer de olhar”* (como diz a definição perfeita do Dictionnaire Larousse da língua francesa) e, por conseguinte, um observador. De modo lógico para quem é movido pelo prazer de olhar aquilo que encontra ao acaso, Kluge chega à conclusão que no seu trabalho ele prefere *“colher a inventar”*. Misto de artista e pensador, ele inventa a partir daquilo que colhe, não parte rumo a um objetivo predeterminado, mostra não demonstra. Por isso, embora todos sejam qualificados e conheçam o trabalho de Alexander Kluge, de quem foram colaboradores, a presença de diversos entrevistados no filme de Angelika Wittlisch acaba por se revelar supérflua, visto que a palavra de Alexander Kluge é mais do que suficiente para desvendar o que move o seu trabalho.

Antonio Rodrigues